


<p style="text-align: center;">FAHIMTB</p>  <p style="text-align: center;">AHIMTB/RS</p>	<h1 style="font-size: 4em; margin: 0;">O TUIUTI</h1> <p style="margin: 5px 0;">ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) -ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL</p>	 <p style="text-align: center;">IHTRGS</p>
520 ANOS DA DESCOBERTA DA AMÉRICA		
Ano 2012	AGOSTO	Nº 33

O INCÊNDIO DO EMPÓRIO

Histórias das pequenas comunidades gaúchas do interior

Colaboração do Coronel Cláudio Frederico Vogt



Empório Mercantil (onde o Fridolino trabalhou, de 1947 a 1957)

Um dos capítulos mais dramáticos do Livro da História do SARANDI iniciou, simultaneamente, no aconchego dos lares. Por intermédio de diálogos rotineiros, os moradores foram, paulatinamente, percebendo os fatos...

Na minha casa, naquela noite de domingo, o Pai (FRIDOLINO) terminava de fazer a barba, com uma navalha. Escutava, na RÁDIO FARROUPILHA, o Grande Rodeio Coringa... com o DARCI FAGUNDES e o LUIZ MENEZES.

Perguntei: “Cadê a Mãe?”

Respondeu: “Foi dormir. Amanhã terá que

levantar cedo...para trabalhar no balcão da loja.” Continuí: “Tem cheiro de queimado!” Ele afirmou que não havia nada ligado. Disse-me para não fazer barulho. Esclareci: “O barulho vem lá de fora... Correm e gritam!” Desligou o rádio. Abriu a janela da cozinha. Olhou a Rua TIRADENTES. Apresentou o diagnóstico: “Tá havendo um incêndio... dos grandes!”

Corri para as janelas da Avenida. Na curva da sala, perdi a alpargatas do pé direito. Abri a janela do quarto do Pai, totalmente. O Clube HARMONIA estava intacto. A residência do ex-Prefeito OLÍMPIO OLTRAMARI, Pai do JOELSON, na outra esquina, estava salva... Girei a cabeça para a direita... “Meu DEUS!” Havia, na parte alta da Cidade, um clarão assustador. Dei graças a DEUS que aquele fogaréu não estava ocorrendo no Centro do meu pequeno SARANDI.

Senti medo e curiosidade. Avisei a Mãe: “Vou ver o incêndio!” Ela controlava tudo: “Bote o congo e a brim coringa!” Conhecia a “figura”. Sabia que iria correr. Fiquei com a mesma camiseta: branca com o distintivo do INTER. Na área dos fundos, pisei num rabo “gatino”. O “ZEU” reclamou:

“MIAAAUU!” Corri pelo pátio. Pulei o muro. Não havia grades. O senhor ARDUÍNO, amigo do Pai e do TOBIAS, subia com um filho, para ajudar. O pessoal que saiu do Café Central estava na frente do Cinema. Alguns caminhavam. Outros corriam.

Na frente da residência dos PICCINI, o senhor VITÓRIO, com o rosto inchado, me informou: “O ÍTIO já foi, com o ITAMAR da DUNILA!” À minha frente, caminhava o “Velho PELIZZARI”, Pai do bondoso LUIZ da Laminadora. Passei por ele e alguns DEMARCO. Na esquina do Hotel do PERUZZO, Pai do VLADMIR, tive um problema de relacionamento social... com um canino. Na primeira fase, o “guaieca” correu atrás de mim. Na segunda, corri atrás dele, até a majestosa casa do Dr MÁRIO AZAMBUJA, o “TIO BUJA”... Fiquei furioso. “Quem ele pensa que é!” Latindo, chamou-me de nojento... e citou a minha Mãe!

No Moinho “OURO BRANCOSA” (Quase ninguém sabia o significado de SA = Sociedade Anônima), o cheiro de borracha queimada era “ensurdecedor”, como dizia um amigo do COLÉGIO SANTA GEMA GALGANI.

O SERIOLLI me viu: “QUICO, onde vai com tanta pressa?” Eu tinha uma resposta para cada perguntador: “Vou ver o cometa!” Ele quis saber: “Onde está?” Acrescentei: “Pra lá de CONSTANTINA!” Na esquina, atrolei um GIORDANI... “Não foi nada! Só caiu a dentadura...” Coitado! Comecei a aprender que o pânico é mais perigoso que o fogo...

No outro lado da Rua, havia um casarão de madeira mal assombrado. Fui costeando seu muro de dois metros de altura, ainda por pintar. Na frente do portão, pisei em algo mole e proibido... Uma gordinha, da Família JARARACA DA SILVA, fez uma baita gritaria: “CUIDAAAADO! OLHA O QUE QUE TU FEZ! TU PIZÔ NA MANGUERA DO CASTELLI!”

Eu disse que não fiz por querer. Ao lado da venenosa, havia um humano, com o nariz inflamado pelas abelhas... Pronunciou-se com rara sensibilidade: “Por que não mandam o filho do FRIDOLINO pro Quartel?” (Naquele tempo, não era usada a palavra adolescente. Compreendê-lo não fazia parte da cultura. A vara de marmelo... e o chinelo “pegavam parêlo”).

Não me defendi. Aquele cidadão-chaminé, que só parava de fazer fumaça quando dormia, foi coerente. Afinal, a minha “ficha técnica” estava “mais suja do que pau de galinheiro”.

Havia jogado pedras na Casa Santo Antônio, para derrubar os ninhos dos marimbondos. Estes atacaram o VITÓRIO PICCINI, Pai do ÍTIO, e outros... Deixei escapar um pneu na descida da Avenida. Bateu, justamente, na vitrine do Cine Guarany. Acusaram-me de tentativa de assassinato de um barbeiro. Ou dois. Ao testar um carrinho de lomba, feito em parceria com o Carpinteiro TOCHETTO, atrolei um Fiscal do Governo, ao fazer a curva na TIRADENTES... Multou a loja do Pai e outras. Fui visto colhendo milho na roça do DAMIANI, Pai do SELVINO PLÍNIO. Uma “linguareta” espalhou pela Cidade que “retirei” bergamotas do pomar do FREDDO, Pai do ARY ALBERTO... Para fechar com chave de ouro o meu “currículo vitae”, ou prontuário, só faltava ter um caso de amor... com a filha do Cabo da Guarda do Destacamento... A guria já havia me mandado um bilhete... com mel... O NONO GAVA queria me mandar para outro país: SANTA CATARINA ou PARANÁ!

Vamos em frente! Está bom assim... SARANDI não é LONDRES! Fui me adaptando, aos poucos, àquela situação dramática. Uma torneira da residência da Família CASTELLI fornecia água para o combate ao fogo. O líquido precioso era conduzido pela mangueira e por baldes. Na verdade, várias casas forneciam algum tipo de ajuda. A moradia do senhor ARTUR REZENDE, Pai da menina TEREZINHA, estava na iminência de queimar. Desci mais um pouco. Tentei ficar na frente do Bar Primavera, do senhor MARCO BONI, amigo do Pai... e genitor do meu amigo LEMES... Não consegui. Continuei descendo. Parei num local estratégico: na frente da porta de baixo do HOTEL E CHURRASCARIA IPIRANGA, depois SARANDI.

Eram 23 horas e 30 minutos quando comecei a observar aquele fogaréu ameaçador. As chamas estavam no auge, ou muito próximo... 500 pessoas assistiam à queima do Destacamento da Brigada Militar. Formavam um grande semicírculo. Num raio de 300 metros, nenhuma casa estava segura. Estávamos ali para salvar a Cidade. O destino dos prédios, porém, não estava em nossas mãos. E, sim, nas do vento. Este era famoso nos poteiros do ALTO URUGUAI: o Minuano!

O vento soprava de SW (Sudoeste) para NE (Nordeste). Estava fraco. Era uma brisa leve. Graças a DEUS! O que poderia acontecer se o Minuano dos Poetas estivesse brabo? As labaredas queimariam as janelas do HOTEL, no outro lado da Avenida. Talvez queimassem, também, o telhado, o madeirame... o posto de gasolina da esquina poderia ir pelos ares... com graves consequências. O fogo poderia se alastrar. O prédio do senhor JÚLIO ZORZETTO, que já estava quente, na outra esquina, arderia em chamas.

De repente, gritaram: “OS BOMBEIROS JÁ SAÍRAM DA PALMEIRA!” O que fazer enquanto eles não chegam? Os coordenadores decidiram priorizar o salvamento da casa do senhor ARTUR. O pavilhão maior do EMPÓRIO, que ficava para o lado do CENTRO, queimava a poucos metros do lar dos REZENDE. As chamas atingiam mais de 10 (dez) metros de altura. As tentativas feitas para abrandá-las, com mangueiras e baldes, foram infrutíferas. Devido a fatores culturais, a Cidade não possuía hidrantes... O que limitava a ação até dos especialistas.

Sobre o telhado da casa em apreço, havia um punhado de homens valentes. Eu os considerava heróis... sem nome. A missão deles era esfriar o prédio. Eu via a água escorrer pela parede. Com bravura, estavam conseguindo cumprir a missão. Não consegui ver o rosto deles. Que pena! A confusão era grande. O medo também. Eu seria o primeiro a propor um prêmio. O título de CIDADÃO EMÉRITO, no mínimo. Corriam uma série de riscos. O homem da beira do telhado, próximo do “inferno”, estava com um pé na telha... e outro no Cemitério... Ele poderia intoxicar-se pela fumaça. Queimar-se total ou parcialmente. Cair do telhado. As consequências da queda são difíceis de prever... Por uma questão de justiça, aquele punhado de heróis deveria ser premiado. O exemplo de coragem e solidariedade deles não deve se perder no “mar da ingratidão humana”...

Fiquei emocionado, de novo, quando percebi que estávamos, grandes e pequenos, ricos e pobres, sábios e incultos, irmanados na impotência... unidos na dor... comungando o mesmo medo... a falta de estrutura, de uma Cidade pequena, do interior do BRASIL... salvos por uma tábua que não queima: A ESPERANÇA!

O senhor BAÚ trouxe o filho CLÁUDIO. O TAVELA, o ZENO. Os DEMARCO trouxeram a coragem e a boa vontade. O LAURO, Pai da SELMIRA, cruzou a Cidade. Trouxe o inseparável cavalo... para puxar água... Ele ainda não sabia que nem quarenta cavalos seriam suficientes...

Várias pessoas colocavam as mãos na parede do prédio do ZORZETTO. O calor aumentou por lá. As labaredas do pavilhão menor do EMPÓRIO aumentaram... Eles lamentavam o fato de que o incêndio terrível tenha acontecido tão perto.

O **Sarandiense**, já conhecido pela religião, o trabalho e a coragem, agora mostra ao Mundo a sua fraternidade... O RUI RABELLO traz alimentos para os voluntários... O BENITO PAPINI, alguns escoteiros e lobinhos... O ERVINO, a calma e a esperança...

Os ROSSI trazem material. Os coordenadores recebem os baldes do JOÃOSITO e do TITO. Testam a mangueira. Não chega até as torneiras. Devolvem ao senhor HUGO...

Chega um gaudério pilchado. Estava no Bar do MATTEI... bebendo para esquecer. Puxou um facão três listras. Eu não entendia o objetivo... Externou o seu plano: “Vou dar uns pranchaços no tal de KURTO!” Uma senhora, daquelas que só lia rótulo de salame, deu um palpite: “O safado já deve estar pra lá da SOLEDADE!” Alguns concordaram com ela... Que falta que faz um bom Professor! (Um empresário havia dito que o culpado era o curto... circuito).

E por falar nele... Manutiveram a rede elétrica? Trocaram os fios velhos? E os desencapados? O incêndio foi criminoso? O prédio estava no seguro? Havia um Plano de Combate a Incêndio? Naquela época, não era costume segurar prédios. Não sobrava numerário...

O princípio do sinistro ocorreu quando a maioria dos moradores já estava em suas camas. O fogo tomou vulto. Ninguém percebeu. A luta era inglória... A Cavalaria do EXÉRCITO ensinar-me-ia, mais tarde: “Uma coisa é uma coisa. Outra coisa é outra coisa!” Que profundo! Traduzindo: princípio de incêndio é uma coisa. Incêndio é outra coisa. Aquele pode ser apagado até por um humano não confiável, de baixa qualidade, do tipo alcoólatra... O incêndio, porém, às vezes, não pode ser apagado nem por um humano de grande valor, tipo Bombeiro da Brigada...

No telhado da casa do senhor ARTUR, a situação estava crítica. O homem da ponta da equipe tapou o rosto com o braço direito. Estava assando. Recuou um pouco. Parecia que iria “apagar”. Pediu para ser substituído. A madeira de lei demorava para queimar...

Surgiu um fato inesperado... e complicador: o fogo chegou no Paiol de Munições da Brigada. Começaram a explodir, um por um, os cartuchos calibre 38 (trinta e oito). As armas derretem com a alta temperatura. O princípio de pânico volta. Correm para fugir dos projetis... Para onde eles vão? Derretem? Sobem?

Alguém grita da porta do HOTEL: “OS BOMBEIROS ESTÃO NA BARRA FUNDA!” Um humano, tipo “Amigo da Onça”, assusta a plebe ignara: “Não vai dar tempo!” Podia ter ficado quieto... O pânico joga contra o Cidadão. Acontecem explosões maiores. Uma senhora loira “desaba” perto da garagem da casa do ARTUR. Vinte pessoas, aproximadamente, retiram móveis. As janelas parecem fumegar. A residência vai queimar a qualquer momento. Não se vê mais o proprietário... Agora são vários Sarandienses na iminência de entrar em pânico... O que havia estocado lá, além da munição? Gás? Combustível? Explosivos?

Um morador de origem alemã indagou por que a Cidade não possuía uma viatura dos Bombeiros. Um italiano respondeu: “SARANDI nunca teve incêndio!” Ele não se lembrou do fogaréu implacável que reduziu a cinzas a profícua Malharia da Dona NAIR, no coração da Cidade...

A discussão foi boa. Foi longe. Mas não entraram no cerne da questão: quanto vale uma vida? Se, ao longo dos 365 dias do ano, o caminhão-tanque salvar uma vida, o preço dele não estará pago? ... Sou de parecer, salvo melhor juízo, que a viatura estará muito bem paga! ... A grande moeda é a vida! Os curiosos são afastados por um Soldado. É o Pai do ADEMAR. O BALASTRELLI do Bar oferece a “purinha”. Aquela que matou o guarda. Esclarece: “É para espantar o medo!”

Um advogado acalma as pessoas. Sabe que o pânico não ajuda. Atrapalha. Provoca perdas e danos. Com as mãos espalmadas exclama: “A sindicância vai apurar tudo!” Um colega de aula me indaga: “Quem é esta tal de SINDICÂNCIA?” Esclareço: “A Secretária do Delegado!... Uma loira...”

Um marceneiro constata com tristeza: “Olha! O fogo está queimando as madeiras de lei da porta principal!... Parece um castigo!” É um castigo? Quem estaria sendo castigado?

Os novos assistem à queima de tábuas. Não são, apenas, as madeiras do DESTACAMENTO que ardem. Os antigos, saudosistas, escritores, poetas, meu Pai, meu irmão e eu choramos o Incêndio de ROMA... digo: do EMPÓRIO MERCANTIL DO SARANDI...

Choro o fim daquela janela... em que o Pai esperava o meu irmão... vir buscá-lo para voltar para casa. Choro a queima da porta, onde a competente Dona IRMA, filha do MACCARI da “gasosa”, esperava os fregueses, com um belo sorriso. Choro a extinção da janela da sala, na qual o PROCÓPIO fazia, com exemplar lisura, a contabilidade... E, por derradeiro, choro a extinção da sala, da qual o SILIPRANDI comandava o IMPÉRIO, digo: EMPÓRIO... Não choro por ti, tábua! Choro por lembranças...

O que as empresas e os homens têm em comum? Não “cavalgam” ambos pela mesma curva? A curva da vida. É uma senóide? O IMPÉRIO ROMANO viveu ascensão, apogeu e queda. Quando foi o começo do fim? O IMPÉRIO teria provocado a ira do Céu?

E, ao partir para NOVA YORK, o maravilhoso navio TITANIC, em 1911, no Porto de LIVERPOOL, não teria esquecido de escutar um menino da catequese? Qualquer um deles diria ao poderoso empresário: “Cuidado, Tio! Deus afunda qualquer barco!”

O EMPÓRIO cometeu injustiças? Teria provocado a fúria do Criador? Por onde andou? Com quem? O que ele fez, afinal, ao longo de todo este tempo?

Como um rio que vai para o mar, o EMPÓRIO dos Irmãos MOTTIN “zigzagueou” por entre as “pedras”... da economia... e os “balaços” da História... Na Era VARGAS, chorou a queima dos cafezais. No outono de 1945, festejou, com saboroso vinho tinto da colônia, o fim da Segunda Guerra Mundial. Na década de 40, viveu período de “vacas gordas”. Criou empregos para o Povo. Liderou o comércio regional... Reunia incontáveis cavalos, carroças e “modernos” caminhões. Máquinas do

“último grito”... fabricadas “namérica”... Centenas de fregueses vinham “fazer o rancho”, oriundos da Cidade, arrabaldes e colônia...

Sempre elegante, com chapéu Ramenzoni, ocupou os melhores lugares... no Café Central, no Clube HARMONIA, nos bares, nos lares, nos altares... Nos “bailes da vida”, dançou com as mulheres mais carinhosas...

Em 1947, começa a rachar o casco do navio. Ou melhor:... de uma parede. Os salários foram congelados... Em 1950, emprestou seus “braços cansados” e suas “mãos calejadas” para reconduzir o querido GETÚLIO ao primeiro “poleiro” da Nação. Uma vez abatido o ânimo dos seus seletos profissionais, o EMPÓRIO entrou, paulatinamente, em período de “vacas magras”. Em 1954, comove-se com a morte do Presidente VARGAS, o “Pai dos Pobres”... Uma criança é acusada de furto de um relógio. É justo? É legal? As crianças brincam... com as coisas que encontram pelo caminho...

O número de fregueses cai, aos poucos. Funcionários são alvos de brincadeiras de mau gosto. As horas longas passam. Os fregueses não chegam.

Em 1956, o BRASIL acelera. Os Americanos aplaudem. JK quer crescer 50 anos em 5! Em 1957, o congelamento dos salários do EMPÓRIO completa 10 anos. É justo? Racha o casco a bombordo, ou melhor: uma parede da frente do poderoso EMPÓRIO MERCANTIL DO SARANDI...

No segundo lustro da saudosa década de 50, ele perde o FRIDOLINO, o PROCÓPIO, a Dona IRMA... Em 1958, comemora a conquista do primeiro “caneco” da Seleção Brasileira. O Povo, arrastado pelo JUCELINO, constrói BRASÍLIA. A economia, com as suas próprias verdades, se encarrega de desconstruir o EMPÓRIO... Como um leão ferido, agoniza no Governo JK. Deixará, com certeza, muita saudade. E um grande vazio... que será ocupado por lojas de “secos e molhados”: IOPI, MAZZOCCO, GIORDANI, PASQUALOTTO, DALBOSCO, NATALINO, FRIDOLINO...

Os Bombeiros, finalmente, entram na Cidade. Vieram pela estrada velha, da Cantina, que o NONO GAVA ajudou a construir... A viatura passa pelo Cemitério. A sirene é estridente. Acorda o resto dos moradores. O Povo aplaude. Agora quem chora sou eu. O semicírculo fica maior. Os REZENDE esboçam um sorriso. A casa deles salva-se por um triz! O Povo Sarandiense aplaude, com mais força, os heróis da **PALMEIRA DAS MISSÕES**... Fortes jatos d’água atingem a base do fogo. O Sargento avisa: “Vamos precisar de um hidrante!”... Vai faltar água... Meu Pai já não esconde o rosto molhado... Deve ter sido difícil assistir em silêncio... a queima de dez anos de lembranças. São bem mais do que dez tábuas... Está virando cinzas... um sonho... de grandes homens...

MACHADO DE ASSIS emocionou-se, outrora, com o “naufrágio das paixões”... **O Sarandiense**, agora, emociona-se com o “incêndio dos sonhos...”

Em 1957, as “águas da ingratidão” do EMPÓRIO levaram seus homens de ouro embora... seu “traje de gala”, as “chamas da vida” levam agora...

POST-SCRIPTUM:

Esta é a terceira edição desta obra de ficção, mas baseada em fatos reais.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice-presidente da FAHIMTB e do IHTRGS
lecaminha@gmail.com